

Coordenação adversativa: regularidades e singularidades

Edite da Conceição Fernandes Prada

Escola Secundária do Monte de Caparica

O objectivo deste trabalho é apresentar alguns aspectos semânticos, sintácticos e pragmáticos inerentes à coordenação adversativa¹, que foram surgindo ao longo do estudo efectuado sobre dois *corpora*, com um total de 727 exemplos, recolhidos e organizados, um deles, a partir de composições produzidas por um grupo de 56 jovens com idades compreendidas entre os quinze e os dezanove anos; o outro retirado aleatoriamente de jornais e revistas.

O trabalho tem duas partes distintas: num primeiro momento apresentamos uma síntese de alguns dos estudos consultados e, seguidamente, relacionamos o resultado obtido a partir do estudo dos *corpora* com essa mesma síntese.

Relativamente à posição dos teóricos consultados, eles apontam para a existência de uma dicotomia na coordenação adversativa, ou seja, para a existência não de uma, mas de duas conjunções – homónimas no caso do português, do francês e do inglês e representadas por dois vocábulos distintos no espanhol (*pero e sino*) e no alemão (*aber e sondern*). A divisão em duas conjunções distintas – que designaremos, por comodidade, respectivamente *argumentativa e não argumentativa* – justifica-se pela análise dos valores veiculados e pela ocorrência de algumas características sintácticas que as singularizam. Assim, a *conjunção argumentativa* estabelece, entre os elementos coordenados, o valor contrastivo. Acerca desta conjunção e das suas características todos os estudos consultados coincidem e apresentam como propriedade desta construção o facto de a coordenada apontar para um resultado diferente do que está implícito na coordenante, como podemos verificar em (1) e (2):

(1) Gosto desta camisa, mas não a compro. Garcia (1999:3864)

(2) Ele é inteligente, mas não trabalha. Anscombe e Ducrot (1977: 28).

Nestes exemplos regista-se, pois, o estabelecimento de contraste entre as duas orações coordenadas, mas esse contraste é, segundo Garcia (1999) distinto. Com efeito, em (1) estamos perante um *contraste directo*, que envolve três elementos,

¹ No presente estudo apenas se tem em conta *mas*, dado ser o único vocábulo, de entre os que veiculam umnexo semântico próximo da adversidade, que preenche todas as características para ser considerado conjunção.

dois explícitos e um implícito: o primeiro elemento explícito, P, “*Gosto desta camisa*”, permite a formulação de uma conclusão implícita, R, “*vou comprá-la*”, que é desmentida pelo segundo elemento explícito, Q, “*não a compro*”, o qual encerra a mensagem. Estamos perante duas proposições P e Q, que conduzem a conclusões diferentes: P tem implícito R, mas Q contraria R. Esta é a estrutura que Ducrot (1972) atribui à conjunção argumentativa, para a qual aponta três requisitos: *primeiro*, apresentar P (coordenante) como argumento conducente a uma conclusão R; *segundo*, Q (coordenada) deve ser um argumento contra R; *terceiro*, Q deve ter mais força contra R do que P a favor².

Por seu lado, em (2) o *contraste é indirecto*, dado que a coordenada não encerra a mensagem, antes permite a formulação de mais uma conclusão implícita. Temos, assim, quatro elementos, dois explícitos e dois implícitos: o primeiro elemento explícito, “*Ele é inteligente*”, pode conduzir, do ponto de vista de um possível empregador, à conclusão implícita “*vale a pena dar-lhe emprego*”; o segundo elemento explícito “*não trabalha*”, não se opõe directamente a esta conclusão, mas introduz uma outra conclusão implícita “*não vale a pena dar-lhe emprego*” que, essa sim, se vai opor à conclusão formulada a partir de P.

A conjunção adversativa que veicula o valor contrastivo exemplificado em (1) e (2) supra, é considerada, por Anscombe e Ducrot (1977) (que lhe dão a designação de *mas-PA – mais-PA* para o francês) equivalente a *pero* do espanhol e a *aber* do alemão. É com base na realidade destas duas línguas, em que existem, como já referimos, duas conjunções diferentes que veiculam valores distintos e apresentam características sintácticas individualizadoras, que estes autores defendem a existência de duas conjunções distintas no francês e sugerem a mesma situação para o português e o inglês. R. Lackoff (1971), fazendo embora uma análise distinta, divide igualmente a conjunção adversativa em duas, uma delas com valor argumentativo, o que faz desta conjunção (mesmo com a especificidade introduzida por Garcia (1999) – a ocorrência de dois tipos de contraste: directo e indirecto –), e dos valores que veicula um aspecto regular da expressão da adversidade.

A **segunda conjunção adversativa** cuja existência é defendida e que designamos, como **não argumentativa** não reúne, como a anterior, o consenso por parte dos estudiosos que se lhe referem. Já vimos que Anscombe e Ducrot (1977) aproximam a estrutura adversativa do francês da que existe no espanhol e no alemão preconizando, por isso, a existência de duas conjunções distintas. Estes autores apontam como propriedades para a conjunção não argumentativa as que, naquelas línguas, têm, respectivamente, *sino* e *sondern*. As características que individualizam esta conjunção, também designada por *mas-SN*, são as seguintes:

² Le locuteur, après avoir prononcé la première proposition *p*, prévoit que le destinataire en tirera une conclusion «*r*». La deuxième proposition, *q*, précédée d'un *mais*, tend alors à empêcher cette éventuelle conclusion, en signalant un nouveau fait, qui la contredit. Le mouvement total serait: «*p*; tu songes à en conclure *r*; il ne faut pas le faire, car *q*» Ducrot (1972:129)

- (i) a sua coordenante está sempre na forma negativa, sintacticamente marcada;
- (ii) a coordenada serve de correcção ou refutação explícita ao que é afirmado na coordenante;
- (iii) coordenante e coordenada devem estar integradas no mesmo bloco discursivo, isto é, a conjunção não pode preceder pausa prolongada³.

O exemplo (3) é um dos que os autores analisam.

(3) Não é deliberado, mas totalmente automático. Anscombe e Ducrot (1977:24).

Note-se que nesta frase se não identifica qualquer elemento implícito, como acontece quando a conjunção é argumentativa. Além disso, o contraste que existe entre coordenante e coordenada centra-se mais na oposição entre o valor semântico dos termos relacionados – “*deliberado*” e “*automático*” do que na conjunção propriamente dita.

A conjunção não argumentativa é descrita, para o espanhol, por Garcia (1999) que realça a necessidade de haver a intenção de rejeitar a coordenante para que seja possível o uso de *sino* e acrescenta que as mesmas orações podem ser relacionadas por qualquer das conjunções, embora veiculando valores diferentes em cada caso. É o que exemplificamos em (4) e (4a).

(4) Não está desesperado, mas (SN) um pouco preocupado. (No está desesperado, sino un poco preocupado.) Garcia (1999: 3870)

(4a) Não está desesperado, mas (PA) sim um pouco preocupado. (No está desesperado, pero sí un poco preocupado.) Garcia (1999: 3870)

Robin Lackoff (1971) tem, por seu lado, uma posição diferente da acima apresentada. Defende também a existência de duas conjunções adversativas, das quais uma corresponde, como já se disse à **conjunção argumentativa**, mas estabelecendo uma outra nexa entre orações que apresentam elementos em **oposição semântica**. Do ponto de vista sintáctico aproxima esta segunda conjunção da copulativa e atribui-lhe a qualidade de ser simétrica, podendo as orações relacionadas através dela trocar de posição dentro da construção coordenada, sem alteração semântica significativa, como pode verificar-se observando (5) e (5a)

(5) O João é alto, mas o Bill é baixo. R. Lackoff (1971:133).

(5a) O Bill é baixo, mas o João é alto.

³ Anscombe e Ducrot (1977) indicam como possível, para a conjunção argumentativa, a ocorrência imediatamente após pausa acentuada. Em Prada (2001) é defendida uma posição idêntica.

Esta situação nem sempre surge de forma tão linear, como a própria autora refere. O exemplo (6), *infra*, pode ser interpretado de duas formas: a conjunção que relaciona as duas orações é argumentativa, se pensarmos que a coordenante “*O João é rico*” é uma frase dita por alguém que pretende convencer uma jovem a aceitar a corte que João lhe vem fazendo, realçando um aspecto que supõe positivo a favor do candidato. A coordenada “*é estúpido*” surgiria como recusa, fazendo prevalecer uma característica negativa do jovem. Nesse caso estamos perante uma construção em que é veiculado o contraste indirecto definido por Garcia (1999), uma vez que a coordenada não é uma recusa explícita, mas permite retirar essa conclusão. Pode ainda ser interpretado como estabelecendo uma relação de oposição semântica, que ocorre entre duas qualidades, uma positiva e outra negativa atribuídas ao mesmo indivíduo. Porém, a alteração de posição entre coordenante e coordenada já implica alterações semânticas mais marcantes do que em (5), uma vez que a informação veiculada por Q prevalece sobre a que é transmitida por P.

(6) *O João é rico, mas é estúpido.* R. Lackoff (1971:133).

Neste exemplo a qualidade realçada é, por isso, a negativa. Se, no entanto, a ordem for alterada, como pode ver-se em (6a), a qualidade mais saliente será a positiva⁴, sendo a globalidade do sentido bastante diverso do que se regista em (6).

(6a) *O João é estúpido, mas é rico.*

Por seu lado, Sweetser (1991), reflectindo sobre o exemplo (6), aponta, não a existência de duas conjunções mas de dois tipos de conflitos que a construção adversativa desencadeia: um **conflito conversacional**, fruto da interacção entre os interlocutores, que se aproxima da análise que fizemos desta mesma construção enquanto argumentativa; ou um **conflito cognitivo** inerente à produção / recepção de uma dada mensagem e que é fruto do conhecimento e crenças que o indivíduo possui acerca do mundo. Poder-se-ia imaginar que, subjacente à coordenante, está a noção de que todos os ricos são inteligentes, o que é contrariado pela coordenada. O contraste existente ocorre, sobretudo, no âmbito dos modelos mentais dos interlocutores envolvidos.

Sintetizando, os estudos consultados dividem a adversativa em duas conjunções com características sintácticas, semânticas e mesmo pragmáticas distintas. Dessas duas conjunções, uma, a que veicula o contraste, reúne o consenso dos estudos consultados, que todos lhe atribuem uma estrutura semelhante, embora Garcia (1999) especifique dois tipos de contraste. Todavia, este autor em nada nega o que os outros defendem; pelo contrário acrescenta informação que ajuda a compreender melhor alguns exemplos indicados. A outra conjunção (que, por falta de consenso

⁴ Para esta diferença de sentido contribui igualmente a entoação.

entre os estudos e para nos situarmos por oposição à anterior, designamos por não argumentativa) não tem uma caracterização consensual. Diríamos que cada um dos autores a descreve de forma diferente, dependendo essa diferença menos das suas características específicas do que do ponto de vista adoptado para a descrição da conjunção que veicula o contraste. Por isso as suas propriedades sintácticas e semânticas surgem também apresentadas de forma um pouco diferente.

Apresentamos de seguida os resultados da análise dos 727 exemplos dos *corpora*. Na quase totalidade das frases analisadas é possível identificar o valor contrastivo, pelo que consideramos a existência de uma única conjunção, cuja carga semântica predominante é o contraste e cujas propriedades sintácticas se mantêm estáveis. Com efeito, as características apresentadas para o *mas*-SN por Anscombe e Ducrot (1977), das quais a mais visível é a que preconiza que a coordenante esteja sempre na forma negativa, não pode ser encarada como distintiva, uma vez que há muitas construções com *mas*-PA, ou argumentativo, em que a coordenante tem igualmente a forma negativa. Além disso, os exemplos que Robin Lackoff (1971) apresenta como característicos de uma conjunção não argumentativa não têm as mesmas propriedades quer semânticas, quer sintácticas que são indicadas para o *mas*-SN por aqueles autores, embora os exemplos apresentados não sejam igualmente enquadráveis, na maioria dos casos, na descrição do *mas*-PA, que preferimos designar por **contrastivo** em vez de argumentativo, uma vez que, em muitos casos analisados obedece às características apresentadas para a conjunção argumentativa, embora não integre um discurso que possa ser considerado argumentativo. Por isso defendemos, repetimos, a existência de uma só conjunção, que, do ponto de vista sintáctico, tem características fixas e que veicula prioritariamente um valor contrastivo. Há, todavia, situações em que esse valor contrastivo é enfraquecido, o que nos levou a considerar que, do ponto de vista semântico, a conjunção adversativa veicula valores que podem ser divididos, segundo a força contrastiva da construção, em *mais contrastivos* e *menos contrastivos*. Os exemplos *mais contrastivos*, como (7), apresentam características idênticas às construções com a conjunção que atrás designámos por argumentativa. Efectivamente, a coordenante “*não gosto de português*” pode conduzir à conclusão “*não gosto das aulas de português*”, o que é desmentido pela coordenada “*eu adoro ouvir a professora a dar a aula*”.

(7) C(4) ...não gosto de português [...] mas eu adoro ouvir a professora a dar a aula... [15A08A01N]⁵

Os exemplos *menos contrastivos*, como (8) e (9), veiculam algum contraste, mas, a par desse valor, transmitem outro, o que atenua a força contrastiva da própria conjunção.

⁵ Todos os exemplos dos *corpora* estão identificados com um código que permite identificá-los e situá-los. A numeração que surge a seguir a (7) permite igualmente situar o exemplo no *corpus* a que pertence.

(8) C(130) A única coisa que eu mudava não era na minha vida mas sim no mundo... [15B02C01]

(9) CS (49) [O plano de desenvolvimento económico e social] não corresponde a uma estratégia, mas sim à coexistência de várias estratégias possíveis. Visão nº 331, 22/7/99, p. 60

Repare-se que os dois exemplos (8) e (9) têm uma coordenada com forma negativa, obedecendo assim às características sintáticas que permitiriam a sua aproximação de construções *mas-SN*; no entanto, não veiculam um valor de rejeição, havendo na coordenada de (9) um alargamento em relação à realidade que é apresentada pela coordenante; o contraste é estabelecido entre o número de estratégias: singular na coordenante, plural na coordenada.

A diversidade de valores que se inserem no grupo dos exemplos em que o valor contrastivo enfraquece tornam difícil a sua associação a uma característica sintática individualizadora, como por exemplo a forma negativa da coordenante, que tanto aparece em construções com acentuado valor contrastivo, como noutras em que esse valor surge atenuado. Por isso, e porque em todos os exemplos se pode descortinar algum contraste, pensamos que, assumindo como representativa a amostra constituída pelos *corpora*, não existem duas conjunções no Português Europeu, mas apenas uma, cuja carga semântica característica é o contraste, mas que, em determinadas circunstâncias, poderá este valor enfraquecer e ser suplantado por outro. São três as situações que nos parece provocarem esse enfraquecimento:

1 – existência de contraste semântico entre elementos dos membros coordenados, como acontece em (10).

(10) C(135) ...não queria que houvesse república mas sim uma anarquia. [16B18C03R]

2 – enumeração de elementos

(11) CS(25b) Por isso desenvolvemos um intenso esforço de investimento [...] ao mesmo tempo que estimulamos não apenas a fruição [de espaços verdes protegidos], mas sobretudo o seu conhecimento e estudo. Forum Ambiente nº 8, p. 35

3 – narração de acontecimentos sequenciais no tempo, como se verifica em (12) e (13)

(12) C(104) Entretanto chamaram o florista [...].Quando o florista lá chegou, também ele ficou espantado, mas logo de seguida disse que nunca tinha visto uma flor tão bonita. [15B10B01R]

- (13) C(169) Passado 17 anos, a polícia e os bombeiros resolveram aparecer e a planta já tinha crescido [...] mas continuava a cantar sempre a mesma música.
[18C09B01]

Defendemos, pois, que se trata de uma só conjunção com uma carga semântica característica, o contraste, e com propriedades sintáticas que a enquadram na coordenação, uma vez que, mesmo aceitando que a conjunção surja imediatamente após pausa prolongada, ela é sempre antecedida pela coordenante (que nesses casos se situa antes da pausa, mas cujo sentido não sofre alterações). Por esse facto, a construção adversativa é regular, sintáctica e semanticamente. Porém, a diversidade de construções em que a conjunção pode ocorrer provoca muitas vezes alguma fragilidade no valor semântico que lhe é intrínseco e que nunca desaparece totalmente. A singularidade de algumas construções em que a conjunção fragiliza semanticamente permite que ela possa ser substituída por *e*, que nessa situação, como prevêm Lapa (1984) e Cunha e Cintra (1984), adquire valor adversativo. Veja-se (10), que repetimos como (14) e compare-se com (14a).

- (14) C(135) ...não queria que houvesse república **mas** sim uma anarquia.
[16B18C03R]

- (14a) C(135) ...não queria que houvesse república e sim uma anarquia.

A substituição que ocorre nos exemplos *supra* só é possível porque, a nosso ver, a carga semântica da construção não recai apenas sobre a conjunção, mas sobre termos das duas orações (coordenante e coordenada) que contrastam entre si. No exemplo (14) os elementos que contrastam são “*república*” e “*anarquia*”. O conhecimento que o indivíduo tem do mundo permite-lhe identificá-los como contrastivos, contribuindo desta forma para a singularidade e riqueza da construção adversativa.

Uma outra situação que se verificou nos exemplos dos *corpora* prende-se com o uso dos advérbios (porém, todavia, contudo) que estabelecem um nexo adversativo. A sua utilização ocorre quase exclusivamente – com uma única excepção – nos casos em que a construção resultante se enquadra no conjunto de valores mais contrastivos, o que mostra que, além de não possuírem todas as propriedades sintáticas da conjunção, não têm, igualmente, a sua plasticidade semântica.

Referências:

- ADAM, Jean-Michel,
1990, “L'exemple des connecteurs: mais et certes” in *Éléments de Linguistique Textuelle. Théorie et Pratique de l'analyse textuelle*, Liège, Mardaga (192-225).

- ANSCOMBRE, J. C. e DUCROT O.,
1977, "Deux mais en Français?", in A. J. B. N. Reichling, E.M. Uhlenbek and W. Sidney Allen (Ed.) *Lingua* 43, Amsterdam, North.Holland Publishing Company, (23-40).
- BARROS, Clara,
1998, *A Organização e o Funcionamento dos Discursos; Estudos sobre Português*, Tomo I (org. de Joaquim Fonseca), Porto, Porto Editora.
- BATORÉO, Hanna Jakubowicz,
1996/2000, *Contribuição para a Caracterização da Interface Expressão linguística – Cognição espacial no Português Europeu: Abordagem Psicolinguística da Expressão do Espaço em Narrativas provocadas*, Lisboa, Faculdade de Letras (publicada como *Expressão do espaço no Português Europeu. Contributo Psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*, Lisboa, Textos Universitários e Ciências Humanas, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia).
- BECHARA, Evanildo,
1999, *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 37ª edição revista aumentada.
- CAMACHO, José,
1999, "La Coordinación" in Ignacio BOSQUE e Violeta DEMONTE, *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid, Editorial Espasa Calpe, (2635-2786).
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley,
1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições Sá da Costa.
- DUARTE, Inês,
1996, "Gramáticas do Português" in *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (vol. III), Lisboa, Colibri – Artes Gráficas, (13-18).
- Ducrot, O., BRUXELES, S., FOUQUIER, E., GOUAZÉ, J., NUNES. G. dos Reis e REMIS, A.
1980, "Mais occupe-toi d' Amélie" in *Les Mots du Discours*, Paris, Les Éditions de Minuit, (93-130).
- DUCROT, O. e VOGT, C.,
1979, "De magis à mais" in *revue de Linguistique Romane* 43, Société de Linguistique Romane, (317-341).
- ERNOUT, Alfred e THOMAS, François,
1997, *Syntaxe Latine*, Paris, Klincksieck.
- GARCIA, Luis Flamengo,
1999, "Las construcciones concessivas y adversativas", in Ignacio BOSQUE e Violeta DEMONTE, *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Madrid, Editorial Espasa Calpe, (3805-4050).
- GREVISSE,
1993, *Le Bon Usage*, refondue par André Goose, Paris, 13ème édition revue, Duculot.
- LAPA, M. Rodrigues,
1984, *Estilística da Língua Portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora Lda, 11ª edição.

- LIMA, José Pinto de,
1996, "O Papel da semântica e da pragmática no estudo dos conectores" in FARIA, Isabel Hub, PEDRO, Emília Ribeiro, DUARTE, Inês, GOUVEIA, Carlos A. M. (org.) *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, Coleção Linguística, Série Universitária, (421-427).
- LUSCHER, Jean-Marc,
1993, "La marque de connexion complexe" in *Cahiers de Linguistique Française*, 14, Genève, Université de Genève, (173-188).
- MATEUS, Maria Helena Mira, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês e FARIA, Isabel Hub,
1983, *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra, Livraria Almedina.
- MATOS, Gabriela Ardisson,
1992, *Construções de Elipse do Predicado em Português; SV nulo e despojamento*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Dissertação de Doutoramento.
- PRADA, Edite,
2001, *Produção de Adversativas no Português Europeu*, Lisboa, Universidade Aberta, Dissertação de Mestrado.
- QUIRK, Randolph, GREENBAUM, Sidney, LEECH, Geoffrey e SVARTVIK, Jan,
1985, *A Comprehensive Grammar of the English*, Longman, Essex, England.
- SWEETSER, Eve,
1991, "Conjunction, coordination and subordination" *From etymology to pragmatics – metaphorical and cultural aspects of semantic structure*, New York, Cambridge University Press, (6-112).